

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"A EXPERIÊNCIA VISIONÁRIA NO *QUARTO LIVRO DE*
ESDRAS À LUZ DE FONTES PERSAS"**

SBEC - CONGRESSO NACIONAL, 11-15 DE JULHO 2005

"MEMÓRIA E FESTA"

Vicente Dobroruka

HIS / UnB



Resumo / abstract

O chamado *Quarto livro de Esdras* (4Ezra) apresenta quatro passagens curiosas em termos de experiência visionária - 9:23-29; 12:51 e 14:38-48. Nessas passagens o visionário é levado a ingerir substâncias que parecem relacionar-se com as experiências extáticas que se seguem. As descrições são sem paralelo na apocalíptica judaica mas encontram-se episódios semelhantes em textos persas como o *Jāmāsp Namag*, o *Wizirkard i Denig* e principalmente no apocalipse *Zand-i Vohuman Yasn*, entre outros. Essas fontes, sendo tardias, oferecem um número de problemas mas também novas possibilidades de interpretação dos episódios visionários de 4Ezra.



A experiência visionária no *Quarto livro de Esdras* à luz de fontes persas¹

No corpus literário do judaísmo do Segundo Templo são quatro as passagens em que a ingestão de substâncias relaciona-se à experiência mística: no *Quarto livro de Esdras* 9:23-29; 12:51; 14:38-48 e no *Martírio de Isaías* 2:7-11. Das quatro, a última não tem como ser inequivocamente relacionada ao efeito indutor da substância em questão, e por isso ficará fora de nossa análise.

As três passagens de 4Ezra, por outro lado, mostram esses efeitos com muita clareza; note-se ainda que as variantes textuais relativas às passagens em questão são pouco importantes, como nos lembra Stone².

4Ezra é um texto apocalíptico de origem judaica e preservação cristã³, que deve ter sido escrito após 70 d.C. (pela importância que seu autor atribui à queda do Templo) mas antes do final do séc.II d.C. (quando encontramos a primeira citação inequívoca dele, em Clemente de Alexandria)⁴. O texto de 4Ezra está estruturado em torno de sete visões, das quais a quarta (a mulher chorando) e a sétima (a ordem para escrever os 94 livros) são as mais importantes para a análise proposta. 4Ezra 12:51 também é importante e vincula-se ao contexto da quinta visão (a

¹ O texto de 4Ezra usado é o da edição de James Charlesworth. *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 2 volumes. 1983-1985; 4Ezra encontra-se no volume 1). "ASC" é a abreviatura de "altered state of consciousness", ou "estado alterado de consciência". Nas fontes persas por vezes uma mesma palavra encontra-se transliterada de mais de uma maneira: isto é devido a diferenças de transliteração nas edições utilizadas.

² Os manuscritos de 4Ezra podem ser divididos em dois grupos, o primeiro composto pelas versões latina e siríaca e o segundo abrangendo a georgiana, a etiópica e a cóptica. As diferenças estão bem analisadas em Michael E. Stone. *Fourth Ezra: a Commentary on the Book of Fourth Ezra*. Minneapolis: Fortress Press, 1990. Pp.1-3.

³ Com exceção dos capítulos 1-2 e 15-16, interpolações cristãs.

⁴ Idem, p.9.



águia), embora na verdade introduza a sexta - pois após 12:51 o visionário dorme sete dias e depois tem a visão.

A primeira passagem, 4Ezra 9:23-29, consiste num diálogo entre Deus e Ezra no qual o visionário mostra-se ainda perplexo com o destino dos perversos comparado ao dos justos. Para que possa lhe explicar a questão em detalhe, Deus manda Ezra até um campo sem construções humanas e, sem jejuar por completo, abster-se de carne e vinho e alimentar-se apenas das flores do campo (4Ezra 9:23-25).

Mas deixe passar mais sete dias - mas não jejues durante eles; vá até um campo de flores onde nenhuma construção humana tenha sido erguida, e coma apenas as flores do campo, e não proves carne, nem bebas vinho, mas comas somente as flores, a ores ao Altíssimo incessantemente - então Eu virei e falarei contigo.

O tema do vegetarianismo apresenta-se aqui talvez como uma reminiscência da dieta pré-diluviana, mais próxima do Éden, mas a referência à ingestão das flores não pode ser casual embora esteja ausente de algumas versões do texto; mas os melhores manuscritos de 4Ezra, os das versões siríaca e latina, contêm a passagem, o que implica em admitir que elas devem ter constado do original grego ou hebraico, e não que se trate de inserções posteriores⁵.

Depois disso Ezra vai a um campo chamado Ardat (4Ezra 9:26). O campo sem construção humana ("in campum florum ubi domus non est aedificata") lembra a pedra que não foi cortada por mãos humanas em Dn 2:34.

Além de comer as flores, Ezra recebe a ordem de rezar ininterruptamente, um meio válido e muito difundido para a indução de estados alterados de consciência presente em

⁵ Um paralelo interessante é fornecido por Nabucodonosor, que em sua loucura também se abstém de carne e vinho (*Vidas dos profetas* 79:3-5).



muitas outras passagens (p.ex. 1En 13:6-10; 39:9-14; Dn 9:3; 3Br 1:1-3; Test12Lv 2:3-6 etc.)⁶.

Os principais temas preparatórios do capítulo 9 são retomados em 4Ezra 12:51: aqui Ezra consola o povo por sua ausência prolongada em função da quinta visão.

Então o povo foi até a cidade, como eu havia lhes dito para fazer. Mas eu sentei-me no campo por sete dias, como o anjo havia me ordenado; e alimentei-me somente das flores do campo, e meu alimento foi de plantas naqueles dias.

Por fim, a última passagem de 4Ezra relacionada à indução de visões por meios químicos surge no capítulo 14. Lá, em 14:38-48 Ezra encontra-se novamente no campo: ele não deve ser perturbado por 40 dias (lembrando a experiência de Moisés⁷ e, talvez, a de Abraão, embora em ApAbr 9:7 a ordem não seja exatamente para jejuar mas antes para abster-se de alimentos cozidos, de vinho e de unguir-se com óleo⁸); e ao contrário de muitas das experiências descritas nos apocalipses, desta vez Ezra não está sozinho e leva consigo cinco escribas⁹.

O que acontece depois não é tecnicamente uma visão mas uma experiência auditiva: Ezra ouve uma voz que lhe manda beber de uma taça, o que marca o começo da parte propriamente visual da experiência (4Ezra 14:38).

⁶ As versões etiópica e a primeira árabe têm um sentido ativo na passagem, ou seja, Ezra abre a boca por si só. Cf. Stone, *Fourth Ezra*, p.304.

⁷ Idem, p.303.

⁸ Cf. também Ithamar Gruenwald. *Apocalyptic and Merkavah Mysticism*. Leiden: Brill, 1980. P.52.

⁹ Gunnel André. "Ecstatic prophesy in the Old Testament" in: Nils Holm (ed.). *Religious Ecstasy. Based on Papers read at the Symposium on Religious Ecstasy held at Åbo, Finland, on the 26th-28th of August 1981*. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1982. P.190 para a idéia da relativa "solidão" do profeta clássico em comparação com os profetas pagãos, que andam em grupos.



Então levei cinco homens, como ele me ordenou, e seguimos rumo ao campo, e lá permanecemos. E no dia seguinte, vede, uma voz me chamou, dizendo, 'Ezra, abre a tua boca e bebe o que te dou para beber'. Então abri minha boca, e vede, uma taça me foi oferecida; estava cheia de algo como água, mas a sua cor era de fogo. E eu tomei e bebi; e quando eu bebi, meu coração fez jorrar entendimento, e a sabedoria aumentou em meu peito, pois meu espírito reteve a sua memória; e minha boca foi aberta, e não se fechou mais. E o Altíssimo deu entendimento aos cinco homens, e eles escreviam por turnos o que era ditado, em caracteres que eles desconheciam. Eles sentaram-se por quarenta dias, e escreveram durante o dia, e comiam de noite. Quanto a mim, eu falava durante o dia e de noite não permanecia em silêncio. Assim, durante os quarenta dias noventa e quatro livros foram escritos [...]

As experiências quimicamente induzidas descritas pelo visionário apocalíptico que se esconde sob o nome de 4Ezra podem ser divididas em 2 grupos: 4Ezra 9:23-29 e 12:51 de um lado e 4Ezra 14:38-48 de outro. O primeiro grupo envolve a ingestão de certos alimentos e a abstinência de álcool, associadas à oração, embora esta última possa estar representando apenas um papel convencional (i.e. as orações aparecem de modo excessivamente estereotipado e apenas após a ingestão das flores, e por isso não devem ser consideradas indutoras das visões).

Por outro lado o segundo grupo, 4Ezra 14:38-48, descreve uma experiência mais elaborada e muito mais fantástica. O líquido dado ao visionário pode estar associado ao Espírito Santo, pela sua descrição e caracterização como semelhante ao fogo¹⁰. O fato de que Ezra estava ditando livros sagrados implica na idéia de que ainda havia espaço para a ampliação da revelação sinaítica¹¹, o que pode reforçar o tema da presença do

¹⁰ Uma associação comum e bem desenvolvida por Russell. Cf. *Method*, op.cit. pp.171-172.

¹¹ Stone, "Apocalyptic", p.424.



Espírito Santo em Ezra ao beber da taça. O episódio encontra paralelos no rolo comido por Ezequiel (Ez 2:8-3:3) e, por extensão, no autor do Apocalipse (Ap 10:9-10), que também alega ter tido experiências visionárias ligadas à ingestão.

Do lado persa, os textos utilizados para comparação são todos, na forma em que nos foi dado conhecê-los, muito posteriores à 4Ezra. Essa diferença pode constituir uma barreira intransponível para a questão de quem influenciou quem¹². Logicamente a datação dos textos não precisa coincidir com a datação dos complexos míticos que eles contêm¹³.

As passagens persas analisadas provêm de oito textos: *Jāmāsp Namag*, *Wizirkard i Denig*, *Zardush Nameh*, a "Conversion of Vishtapa", o apocalipse denominado *Zand-i Vohuman Yasn*, a experiência de Vishtapa citada na *Dinkard*, uma referência no *Livro de Artay Viraz*, e passagens do *Vidēvdāt*¹⁴.

No *Jāmāsp Namag* (também ele um pseudepígrafo, atribuído à um sábio muito velho), Jāmāsp recebe de Zoroastro o dom do conhecimento por meio de uma flor. Este é também o tema do texto Pahlavi *Wizirkard i Denig* 19 (este deve ser datado do séc.XII - existe um manuscrito datado de 1123, que se reporta à outro de 609, embora a existência deste último

¹² John J. Collins. *Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Semeia 14, 1979. P.207 ff.

¹³ A comparação das práticas extáticas mesopotâmicas com as judaicas revela muitas diferenças formais, mas os conteúdos das visões podem se assemelhar. Cf. Wifred G. Lambert. *The Background of Jewish Apocalyptic*. London: The Athlone Press / University of London, 1978 e Helmer Ringgren. "Akkadian apocalypses" in: Daniel Hellholm (ed.). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East: Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, Uppsala, August 12-17, 1979*. Tübingen: Mohr, 1983. Pp.379-386.

¹⁴ Para uma rápida explicação sobre a relação desses livros com o conjunto da produção zoroástrica, cf. Geo Widengren. *Die Religionen Irans*. Stuttgart: W. Kohlhammer, 1965 e também Sven Hartman. "Datierung der Jungavestischen Apokalyptik" in: Hellholm, op.cit. pp.61-76.



não se possa confirmar)¹⁵; na verdade, a tradição que descreve a aquisição de conhecimento místico por Jāmāsp lembra muito a relação de Ezra com as flores, ao mesmo tempo em que a ingestão do vinho consagrado se parece com 4Ezra 14 - a principal diferença consiste no fato de que nas fontes persas temos dois visionários distintos:

(19) *E vede: um dia o Rei Vištâsp, rei dos reis, [desejando] desafiar os dons proféticos [de Zoroastro], perguntou a Zoroastro se ele lhe daria o que ele pedia: 'Que eu seja imortal e não conheça a velhice, que espadas e lanças sejam incapazes de ferir meu corpo, que eu conheça todos os segredos do céu, o presente, o passado e o futuro e que eu possa ver, nesta vida, a existência melhor dos justos!' Zoroastro disse: 'Peça qualquer uma dessas quatro coisas para ti mesmo, e as outras três para três outras pessoas; o Criador as concederá mais facilmente'. Assim o Rei Vištâsp desejou ver nesta vida a existência melhor dos justos. Com a ajuda do Senhor Ohrmazd, o justo Zoroastro [realizou um sacrifício] e dispôs leite, uma flor, vinho e uma fruta. Após ter exaltado e invocado o bondoso Criador, ele deu o vinho consagrado a Vištâsp para que ele dormisse e visse a existência melhor; deu a flor a Jamâsp, o melhor dos homens, e lhe foi ensinado, por meio de visões, sobre todos os eventos presentes, passados e futuros; deu a fruta a Spanddât cujo corpo tornou-se sagrado e invulnerável a espadas pontudas; deu o leite consagrado à Pêšôtan filho do Rei Vištâsp que obteve a imortalidade no campo e a juventude eterna.*¹⁶

No *Zardush Nameh* (posterior ao séc.IX d.C., pois cita a *Dinkard*, que lhe é anterior¹⁷) é dito que Jāmāsp adquiriu seu dom ao cheirar a flor consagrada por Zoroastro numa cerimônia:

¹⁵ Tord Olsson. "The apocalyptic activity. The case of Jāmāsp Nāmag" in: Hellholm, op.cit. p.32. Para a datação, cf. Marijan Molé. *La légende de Zoroastre: selon les textes Pehleviis*. Paris: Klincksieck, 1967. P.9.

¹⁶ Molé, op.cit. p.133.

¹⁷ Edwin Yamauchi. *Persia and the Bible*. Grand Rapids: Baker Book House, 1990. P.410. Provavelmente é do séc.XIII.



Ele deu à Jāmāsp um pouco do perfume consagrado, e todas as ciências tornaram-se-lhe compreensíveis. Ele soube de todas as coisas que estavam por ocorrer e que ocorreriam até o dia da ressurreição¹⁸.

A forma do texto lembra 4Ezra pelas perguntas e repostas de Vishtapa. Em termos do processo visionário propriamente dito é notável que Jāmāsp interprete para o Rei Vishtapa um sonho de modo muito semelhante ao modo como Daniel o faz para Nabucodonosor¹⁹. Também se fala de beber no *Rivayat* 47 ("Conversão de Vishtaspa", os *rivayats* foram compostos entre os sécs.XV e XVIII²⁰), quando Vishtapa entende os caminhos da religião após a visita de um mensageiro divino que o faz beber uma taça cheia de vinho, ou haoma²¹, misturada com um narcótico, *mang*:

(27) Ormazd enviou Nêrôsang: 'Vá até Artvahišt e lhe diga: coloque mang no vinho e dê para Vištâsp beber'. (28) Assim fez Artvahišt. (29) Tendo bebido, ele sumiu no campo. (30) Sua alma foi levada ao Garôtmân [paraíso] para que lhe fosse mostrado o que ele teria a ganhar se aceitasse a Religião. (31) Quando ele despertou do sono, gritou a Hutôs: 'Onde está Zoroastro para que eu possa aceitar a Religião?' (32) Zoroastro ouviu a sua voz, veio e Vištâsp aceitou a Religião.²²

¹⁸ Olsson, op.cit. p.32. Na tradução de Mary Boyce ("On the antiquity of Zoroastrian apocalyptic" in: *Bulletin of the School of Oriental and African Studies* 47, 1984. P.60) a flor é traduzida como "incenso": a mistura deste último com vinho tem um efeito enlouquecedor não sobre visionários, mas sobre os elefantes de 3Mc 5:45: "Quando os animais estavam virtualmente loucos, por assim dizer, pela fragrância muito intensa do vinho misturado com incenso [...]".

¹⁹ Anders Hultgård. "Forms and origins of Iranian apocalypticism" in: Hellholm, op.cit. p.401.

²⁰ Mary Boyce. *Textual Sources for the Study of Zoroastrianism*. Manchester: Manchester University Press, 1984. P.5.

²¹ Um intoxicante mítico cuja natureza exata não se conhece; em geral é identificada com o soma, mas também pode se tratar de outra planta alucinógena.

²² Molé, op.cit. p.121.



No *Zand-i Vohuman Yasn* 3:7-8 Zoroastro bebe a água que Ahura Mazda lhe dá e adquire a sua sabedoria, de modo semelhante ao episódio de 4Ezra 14 (o texto encontra-se em Pahlavi e o *zand* pretende ser uma interpretação de um livro perdido do Avesta, o *Bahman Yasht*²³; seus temas são bem semelhantes aos do *Oráculo de Histaspes*, o que sugere sua antigüidade):

4. *Zarduxšt*, estava incomodado, em pensamento. 5. *Ohrmazd*, através da sabedoria da onisciência, sabia o que ele, *Spitāmān Zarduxšt* do *frawahr* justo, pensava. 6. Ele tomou a mão de *Zarduxšt*, ele, *Ohrmazd*, o espírito pleno, Criador deste mundo de coisas materiais, santo [...] pôs sua sabedoria de onisciência em forma de água na mão de *Zarduxšt* e disse "Beba". 7. E *Zarduxšt* bebeu. Ele mesclou a sabedoria da onisciência em *Zarduxšt*. 8. Por sete dias e noites *Zarduxšt* esteve na sabedoria de *Ohrmazd*²⁴.

Na *Dinkard* 7.4.84-86 *Vishtapa* bebe uma mistura de vinho ou haoma com um narcótico, possivelmente beladona. O mesmo episódio aparece de modo ligeiramente diferente no *Zand-i Vohuman Yasn*, de redação mais tardia, no qual essa beberagem é substituída por água, como vimos. Isto pode ser evidência da rejeição da prática alucinógena em tempos posteriores²⁵.

[...] *Ohrmazd* o Criador enviou [...] à moradia de *Wishtāsp* o ser divino *Nērōsang* [...] para fazer

²³ Contudo, os esforços para reconstruir um *Bahman Yasht* avéstico a partir de comentários tardios são problemáticos: para uma discussão completa dos problemas que isso envolve, cf. Carlo G. Cereti (ed.). *The Zand i Wahman Yasn: a Zoroastrian Apocalypse*. Roma: Istituto italiano per il Medio ed Estremo Oriente, 1995. Pp.14 ff.

²⁴ Cereti, op.cit. pp.150-151. O autor sugere que a passagem é uma referência à drogas psicotrópicas e remete à passagem paralela no *Arda Viraz Nāmag* 3.15 (cf. o comentário ao *Bahman Yasht* por Cereti, op.cit. p.179). Ezra também permanece no campo por sete dias em 4Ezra 12:51, como vimos.

²⁵ Hultgård, "Ecstasy and vision" in: Holm, op.cit. p.222. Com muita probabilidade a *Dinkard* não é anterior ao séc.IX.



Wishtāsp consumir a comida iluminadora que daria à sua alma visão ocular sobre a existência espiritual, por meio da qual Wishtāsp viu grande mistério e glória. Como está dito no Avesta, 'Ohrmazd o criador disse à divindade Nērōsang: 'Vai, voa até [...] a moradia de Wishtāsp [...] e diga isto à Ashawahisht: 'Poderoso Ashawahisht, tome esta taça excelente, melhor do que todas as outras taças bem-feitas [...] para servir [...] hōm e mang à Wishtāsp e fazer o grande governante Kay Wishtāsp bebê-la''²⁶.

O Livro de Artay Viraz (um texto tardio, possivelmente sassânida²⁷) também fala de um processo preparatório por meio de vinho com narcótico, em 2.25-31:

Os sacerdotes da religião encheram três taças douradas com vinho e com beladona de Vištāsp e apresentaram à Virāz uma taça para o Bom Pensamento, uma segunda para a Boa Palavra e uma terceira para a Boa Ação²⁸.

Deve-se notar que na passagem acima não se encontram práticas ascéticas similares às de 4Ezra (ao contrário, Viraz se prepara comendo e não jejuando).

Por fim, na *Vidēvdāt* 4.14 (o texto pode ter sido iniciado durante o reinado de Vologeses III, 148-191, e

²⁶ David S. Flattery and Martin Schwartz. *Haoma and Hermaline: the Botanical Identity of the Indo-Iranian Sacred Hallucinogen "Soma" and Its Legacy in Religion, Language, and Middle Eastern Folklore*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1989. P.18. Uma tradução mais antiga e ligeiramente diferente encontra-se em Molé, op.cit. p.59.

²⁷ Walter Belardi. *The Pahlavi Book of the Righteous Viraz*. Rome: University Department of Linguistics and Italo-Iranian Cultural Centre, 1979. P.10.

²⁸ Gignoux considera essas três taças como meros símbolos do fato de que Virāz observa essas três virtudes melhor do que qualquer outra pessoa: ele também traduz *mang* como *beladona* (*jusquiam* em francês). Cf. tradução e notas em "Apocalypses et voyages extra-terrestres dans l'Iran mazdéen" in: Claude Kappler (ed.). *Apocalypses et voyages dans l'au-delà*. Paris: CERF, 1987. P.367. Versão e comentário mais antigos podem ser encontrados em Belardi, op.cit. p..92; cf. também de Gignoux, "Notes sur la rédaction de l'Ardāy Virāz Nāmag" in: *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, Supplementa 1, 1969.



completado sob o sassânida Cosroé I, 531-579)²⁹ mulheres velhas usam beladona para provocar um aborto.

O fato dos textos persas relatarem práticas semelhantes às de 4Ezra apesar de serem mais tardios não implica em que seus conteúdos míticos não possam ser muito mais antigos. Mas as limitações de datação impedem relações mais próximas e diretas entre 4Ezra e as fontes persas. O fato do Ezra "original" ser um personagem tão intimamente ligado ao mundo persa sugere também um vínculo definido e não-aleatório entre os textos.

²⁹ Yamauchi, *op.cit.* p.407.